

*Ênio Brito Pinto*

psicólogo e psicopedagogo - crp 06/ 14.675-7

## **A GESTALT-TERAPIA E A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA<sup>1</sup>**

### RESUMO

Este texto discute a possibilidade de uma atuação preventiva, psicoprofilática. Trata de Gestalt-terapia e de sua relação com a Orientação Sexual na escola, uma das boas formas de se utilizar o conhecimento de que dispomos para atuar psicoprofilaticamente. Defende que a Gestalt-terapia tem trocas a fazer com a Orientação Sexual na escola.

Palavras chave: Gestalt-terapia, sexualidade, educação, Orientação Sexual na escola.

### ABSTRACT

This text discuss the possibility of a preventive work, a psychoprofilact work. Talks about Gestalt-therapy and of its relation with sexual education at school, one of the good ways using the knowledge we have to act psychoprofilactily. It defends that Gestalt-therapy have got exchanges to do with sexual education at school.

Quero começar este bate-papo com vocês hoje revelando uma grande satisfação. Refiro-me ao título deste seminário, “A Ciranda da Vida: compreendendo a criança hoje; resgatando o adulto de amanhã”. Minha alegria com o título do seminário tem um motivo muito especial: este é o primeiro encontro de Gestalt-terapia de que participo que abre explicitamente a possibilidade de uma atuação preventiva, psicoprofilática. Por isso escolhi falar hoje sobre uma das boas formas de se utilizar o conhecimento de que dispomos para atuar psicoprofilaticamente, a Orientação Sexual na escola. Há muito venho defendendo que a Gestalt-terapia tem trocas a fazer com a Orientação Sexual na escola, e hoje quero explicar um pouco mais isso. Vou falar um pouco de Gestalt-terapia, de sexualidade e de educação.

---

<sup>1</sup> Palestra proferida no IV Seminário de Gestalt-terapia de São José do Rio Preto, na mesa redonda “A criança no Contexto Educacional e Familiar”, em 23/03/02. Artigo publicado na Revista de Gestalt. , p.23 - 28, 2002

Conheci a Gestalt-terapia há mais ou menos 26 anos, quando ainda cursava a PUC/RJ, uma faculdade à época essencialmente psicanalítica. Era a década de setenta, tempo de um Brasil coagido pela ditadura militar e de um mundo que procurava manter vivo a todo custo o ano de 1968, marco de mudanças radicais e necessárias de comportamento social e individual. A Gestalt-terapia era uma teoria nova no Brasil e na América Latina, a ponto de, no Rio de Janeiro, bebermos mais de fontes chilenas que brasileiras. A Gestalt-terapia era uma fonte viva, mais do que viva, renovadora. Vivíamos tempos de repressão, de dura repressão, e os ventos gestálticos eram libertadores. Já àquela época, o mundo subjugado pelo imenso poder das garras da águia, Fritz Perls e Carl Rogers soavam com a voz da esperança dialética no mundo. Tornar-se presente e tornar-se pessoa. Era tudo o que queríamos. Parte do que vinha do Tio Sam era opressor, torturador, assassino. Parte do que vinha do tio Sam era libertador, esperançoso, respeitador. Foi nesse clima que conheci a Gestalt-terapia e por ela me apaixonei. Quem fez o papel de cupido foi Décio Casarin, uma mente arguta que faz falta à nossa abordagem hoje para se juntar a tantas outras que nos ajudam a crescer.

Era um tempo de individualismo. Era um tempo em que a oração gestalt fazia o maior sentido.

“Eu faço as minhas coisas, e você faz as suas.

Não estou neste mundo para viver de acordo com suas expectativas,

e você não está neste mundo para viver de acordo com as minhas.

Você é você e eu sou eu.

E se por acaso nos encontrarmos, é lindo.

Se não, nada há a fazer.”

Com que gosto nos imaginávamos dizendo aquilo para cada uma das forças que nos oprimiam, os militares, os moralistas, os conservadores que logo derrotaríamos, era inevitável.

No campo da sexualidade humana, a época era de muita mudança. Acreditávamos ter derrubado o tabu da virgindade, criamos a pílula anticoncepcional e, com ela, a liberdade sexual que o ser humano sonhou durante toda a sua história. O casamento já não era mais até que a morte os separe, já podíamos nos masturbar à vontade, a homossexualidade não era mais homossexualismo, não era mais doença, as mulheres podiam sentar-se sozinhas à mesa de um bar

sem serem tomadas por prostitutas. Maravilha das maravilhas, não precisávamos mais estar comprometidos para transarmos, o namoro não era mais no sofá da sala da casa do pai dela.

No nosso entusiasmo, não notamos direito que o aqui-e-agora era uma técnica de terapia, não um mandamento de vida, não um *carpem die* a ser tomado literalmente; não percebemos direito que o criticável era o excesso de ‘deverias’, e não a existência de ‘deverias’. Não percebemos três óbvios ululantes: o ajustamento criativo é ajustamento, não superposição; somos organismos em um meio com o qual interagimos e trocamos influências; espontaneidade não prescinde de planejamento e muito menos de cuidado consigo e com o outro.

Foram tempos difíceis nos quais não estabelecíamos muito claramente as fronteiras entre a agressividade, sempre necessária e revificadora, e a violência, tempos em que não distinguíamos bem o que era essa tal de liberdade sexual e feríamos muitos corações, notadamente em nossos encontros e workshops. Era tudo espontaneamente aqui-e-agora inconseqüente.

O tempo passou, a realidade se impôs, o sonho mudou. Demo-nos conta de mais um óbvio: o eu depende do tu. Começávamos a deixar a adolescência.

“Se eu somente fizer as minhas coisas e tu as tuas,

Nós corremos o risco de nos perdermos um ao outro

E a nós mesmos.

Eu não estou neste mundo para viver de acordo com tuas expectativas,

Mas eu estou neste mundo para te confirmar

Como um ser único,

E para ser confirmado por ti.

Nós somos completamente nós mesmos somente em relação um com o outro;

O eu separado do tu

Desintegra-se.

Eu não te encontro por acaso;

Eu te encontro através de uma vida ativa

De procura.

Mais do que passivamente deixar as coisas acontecerem a mim,

Eu posso intencionalmente fazê-las acontecerem.

Eu devo começar comigo, é certo:

Mas eu não devo terminar comigo mesmo:

A verdade começa com dois.”

Somos seres em relação. Mais do que isso: somos seres amorosos. E carentes de amor. Somos seres sexualizados. Sexualizados e amorosos. E sociais. Imersos inexoravelmente em um meio. Um meio no qual exercemos a nossa sexualidade. Sexualidade que é apenas uma parte de nossa identidade. Uma parte importante de nossa identidade. Somos seres sexuais. Nossa vida depende disso. Desde antes de nascermos, pelo menos até morrermos. Epa! Desde antes de nascermos? Então a criança tem sexualidade? Sim, a criança tem sexualidade, e Freud já provou isso à exaustão. Isso é natural. Natural? Não, não existe mais sexualidade natural. Toda a sexualidade humana é cultural. É educável e educada. Em nossa cultura, mal educada. Mal educada a ponto de exigir providências pedagógicas, tantas que a sexualidade acabou virando questão escolar. Tem que fazer parte do currículo, dizem os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Matéria obrigatória nos currículos, a Orientação Sexual ainda não tem, no Brasil, quantidade suficiente de profissionais devidamente habilitados para exercê-la de maneira sistemática e ainda engatinha na construção de seus pressupostos teóricos básicos. Nem mesmo o nome que se deve dar ao trabalho é consenso: alguns preferem a nomenclatura “Educação Sexual”, ao passo que outros preferem definir o trabalho na escola como ‘Orientação Sexual’. Justificando a diferenciação entre Educação Sexual e Orientação Sexual, Marta Suplicy afirma que se a Orientação Sexual é uma forma de educação, ela difere da educação sexual em pontos essenciais: a Orientação Sexual na escola é formal, sistematizada e temporária.

Alguns teóricos discordam do uso da palavra ‘orientação’ para se descrever o trabalho com a sexualidade no âmbito da escola. Argumentam eles que a palavra pode indicar que o trabalho daria rumos para os alunos, ao invés de os ajudar a pensar e escolher por si sós que caminhos trilhar na estrada da sexualidade. A maioria destes mesmos teóricos defendem o uso da palavra educação mesmo para o trabalho mais formal na escola, o qual estou chamando, baseado

na obra de Marta Suplicy, de Orientação Sexual. Eu também tenho minhas dúvidas sobre se a palavra ‘orientação’ seria mesmo a melhor a ser usada neste contexto, inclusive porque ela tem também, na área da sexualidade, o sentido de escolha de identidade sexual. No entanto, esta forma de denominar o trabalho realizado na escola acabou por conseguir um certo consenso, de maneira que será esta a nomenclatura que adotarei. Assim, utilizo até aqui e continuarei a utilizar a terminologia proposta nos PCN, a qual designa a expressão “Orientação Sexual” para o trabalho realizado na escola e a expressão “Educação Sexual” como relativa à moral sexual familiar e social com a qual a criança se depara desde o seu nascimento. A vantagem do uso de um nome para o trabalho formal realizado na escola e outro nome para a maneira de se lidar na sociedade com a sexualidade é que se deixa mais claro que o trabalho de Orientação Sexual é diferente da educação sexual, para que não fique nenhuma dúvida quanto à real responsabilidade de pais e de educadores no que tange à maneira de se lidar com a sexualidade dos jovens.

Se a Orientação Sexual não tem nem mesmo ainda um consenso com relação ao nome, que dirá quanto a seus pressupostos teóricos. É neste ponto que venho defendendo que a Gestalt-terapia tem conceitos que podem perfeitamente fundamentar um trabalho de Orientação Sexual sério e competente, realmente facilitador para o encontro dos jovens com sua sexualidade. Num pensamento dialético, penso que a Orientação Sexual na escola pode ser uma alternativa de caminho para um trabalho psicoprofilático em Gestalt-terapia. Aliás, às vezes penso que parte de nossa dificuldade de prestarmos mais atenção a aspectos preventivos em psicologia se deve ao nome de nossa técnica, Gestalt-*terapia*, que certamente induz nossa percepção principalmente para os aspectos terapêuticos curadores. Observem que não estou dizendo que não fazemos trabalhos de cunho mais psicoprofilático – o que digo é que poderíamos fazer mais, inclusive porque é isso que o atual momento social está a nos exigir.

Nosso tempo hoje é curto, de maneira que vou passar apenas por alguns dos fundamentos da Gestalt-terapia aos quais me referia há pouco. Vou localizá-los e dizer como vejo a influência que eles podem exercer sobre o trabalho de Orientação Sexual na escola. Antes, quero deixar o mais claro possível o que é essa sexualidade da qual estou falando.

A vivência da sexualidade é um dos pontos centrais na identidade do ser humano em nossa cultura judaico-cristã, a ponto de se poder afirmar que a identidade social de cada pessoa começa pela definição do sexo a que pertence, o qual vai determinar, dentre outras coisas, o nome

a ser escolhido para o recém-nascido pela família bem como a maioria das expectativas sociais e familiares quanto ao modo de ser e de agir de cada pessoa. Grande parte da educação à qual todas as pessoas são sujeitadas desde o nascimento também se baseará na sexualidade, matriz dos cuidados corporais e das relações de gênero, além de fundamento, na atual cultura ocidental, da busca do amor e do contato mais pleno com o outro.

A vivência da sexualidade tem duas bases, uma biológica e outra cultural. É da ordem da base biológica o fato de os seres humanos nascerem machos ou fêmeas, homens ou mulheres. É da ordem da base cultural tornarem-se masculinos e femininos e a maneira como viverão e expressarão esta masculinidade e esta feminilidade. É da ordem do entrecruzamento dessas duas dimensões, a biológica e a cultural, a identidade sexual que cada pessoa construirá no correr de sua existência.

Em nossa cultura há uma tendência a tratar sexualidade e sexo como sinônimos. Não o são. São palavras diferentes, encerram significados diferentes. A sexualidade humana é mais ampla que o puramente instintual e não se limita apenas na busca de um parceiro e nem se reduz apenas à união dos órgãos genitais no coito. A sexualidade humana é permeada de símbolos que direcionam o desejo e são por ele direcionados. Ela não se limita aos órgãos sexuais, mas todo o corpo humano é sexualizado, ainda que se privilegie, no ato sexual, os órgãos genitais. Além disso, não podemos esquecer que a satisfação sexual humana pode ser obtida sem a união genital.

Desta maneira, quando se fala em sexualidade, nunca é demais frisar, é importante que se tenha bem claro que se está lidando com um conceito amplo, ou, dito de outra maneira, “todos os fenômenos genitais são sexuais, porém há uma grande quantidade de fenômenos sexuais que não têm nada a ver com o genital.” (Martínez e Pascual, 1998, p. 50)

Então, sintetizando o que vimos até aqui, podemos dizer que “o comportamento sexual humano tem necessariamente uma configuração cultural e social. A instância sociocultural é um elemento integrante do fenômeno sexual humano.” (Martínez e Pascual, 1998, p. 52)

Meio. O homem e o meio. A vivência da sexualidade depende da cultura, depende do meio. Vocês conhecem alguma teoria na psicologia que trate deste tema com mais profundidade que a Gestalt-terapia? Eu não conheço. E isso é básico para podermos lidar com a sexualidade de nossos jovens de maneira empática e compreensiva: o indivíduo nasce imerso em uma cultura e

em um meio ambiente. A sexualidade que se exerce no litoral é diferente da sexualidade que se exerce na serra. A sexualidade do paulista é diferente da sexualidade do baiano.

Onde quer que esteja, onde quer que viva, esse ser sempre sexualizado, o ser humano, vai, principalmente a partir da adolescência, ajustar-se, ajustar a sua sexualidade – ainda que às vezes tempestivamente -, ao meio em que habita. Vai fazer, se puder, ajustamentos criativos. Se puder. “*Ajustamento criativo inclui auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, em contraposição a controle externo, dependência, agarramento ao passado e comportamento estereotipado*”, escreveu Therese Tellingen (1984, p. 47). A boa Educação deveria ser facilitadora desta atitude.

Este jovem de que estamos falando não vai fazer ajustamentos criativos apenas quanto ao meio externo. Não. Ele vai fazer ajustamentos criativos também e principalmente quanto a seu próprio corpo. A puberdade e a adolescência exigem um brutal recontatar com o corpo. Um corpo, mais do que nunca, sexualizado. Só que agora consciente disso. E, além de consciente disso, certamente confuso frente as tantas ambigüidades culturais diante da sexualidade. Não tenho dúvidas de que se este jovem puder ser ajudado no percurso inicial da floresta da sexualidade, no futuro ele dará menos trabalho aos psicoterapeutas. Quando ajudamos amorosa e respeitadoramente alguém a contar suas histórias, estamos evitando ter de restaurá-las depois.

Atuando preventivamente, facilitamos o surgimento de condições que favoreçam o desenvolvimento. Se levarmos em conta a enorme importância que a sexualidade tem no que se refere à identidade de cada pessoa, veremos que quanto mais integrada está, quanto mais apossada está a sexualidade do jovem, mais ele terá disponibilidade para a coragem e para a autonomia. A orientação sexual facilita a autonomia do jovem, aumentando sua disponibilidade para a aprendizagem pois quando alcançam uma maior clareza e uma postura mais honesta e ampliada diante da sexualidade, os jovens se tornam mais amadurecidos e mais seguros emocionalmente. Desta maneira, tornam-se mais aptos a estabelecerem relacionamentos mais íntimos consigo mesmos e com os outros, percebendo mais claramente suas carências, desejos, necessidades e vontades, bem como estando mais atentos aos outros. Em outros termos, a Orientação Sexual na escola é também uma facilitadora da *awareness* e do contato. Do contato inter e intrapessoal. Por via disso, a Orientação Sexual na escola é facilitadora da autonomia, a capacidade de estabelecer as próprias regras.

É lógico que, quando estamos falando em e pensando sobre adolescentes e crianças, precisamos ter em vista que a pessoa só pode de fato alcançar a plena autonomia na idade adulta, se é que de fato há a possibilidade da plena autonomia. A infância e a adolescência são momentos da vida em que a pessoa vai ensaiando sua autonomia, vai ampliando sua capacidade de autonomia para que possa exercê-la mais confiantemente quando adulta. As fronteiras se expandem paulatinamente, senão se quebram.

No caso do adolescente, não podemos, de forma alguma, esperar que ele já possa exercer plenamente sua autonomia, dentre outros motivos porque a adolescência é, por excelência, um período de experiências e de busca de rumos, um momento em que modelos de pessoas adultas são, mais do que nunca, importantes para que o jovem possa solidificar sua identidade. Desta maneira, devemos esperar que o adolescente tenha, sim, mais autonomia que a criança, mas não podemos cobrar dele plena autonomia, antes pelo contrário.

A escola, assim como a família, tem como sua obrigação pavimentar ao máximo possível o caminho do jovem em direção à autonomia. Mas não podem, a escola e a família, perder de vista que o jovem não tem ainda condições de exercer plenamente a autonomia, que, nele, é ainda potencial a ser desenvolvido. Isto implica em um sentido de proteção ao jovem, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento de limites e de orientações que lhe sirvam de balizas ao escolher seus próprios caminhos, ao definir suas próprias fronteiras.

Outro aspecto da autonomia quando pensamos nos jovens é a questão mais prática: o jovem ainda não tem a possibilidade de, por exemplo, se sustentar financeiramente, o que certamente vai lhe trazer restrições quanto à sua possibilidade de exercer a autonomia. E, mesmo que, excepcionalmente, o jovem possa ter como se sustentar financeiramente, ele ainda não poderá prescindir da orientação e do apoio da família e da escola, pois a adolescência é uma passagem no processo de amadurecimento das pessoas, uma passagem que, se por um lado exige a ampliação da autonomia, por outro lado exige com igual intensidade a consciência de que ainda não há condições objetivas e subjetivas para o exercício mais pleno da autonomia.

Na escola, a Gestalt-pedagogia é instrumento de facilitação de autonomia. A Gestalt-pedagogia tem premissas fundamentais para o trabalho psicoprofilático com a autonomia e a sexualidade:

- ao invés de superênfatização do cognitivo, integração considerando os aspectos emocionais e sociais do ensino;

- estímulo ao aprendizado físico - a mente só funciona no corpo e através dele. (Burow & Scherpp, 1985, p. 65)

A Gestalt-pedagogia traz um pressuposto básico que me parece perfeitamente pertinente à orientação sexual, que é o de que toda atividade pedagógica “visa possibilitar ao indivíduo um desenvolvimento mais completo de suas possibilidades, através do fornecimento de situações de pertinência, sensação de dignidade e, daí, coragem e autoconfiança.” (Burow & Scherpp, 1985, p. 32) Dignidade, coragem, autoconfiança – como estes valores facilitam a vivência da sexualidade!

Para finalizar, não quero deixar de lembrar que a boa aprendizagem é erótica, depende de uma relação erotizada com o saber e com o conhecimento a ser aprendido. A erotização do aprendizado é que vai dar a ela um sentido, assim como a vida só tem sentido se vivida eroticamente. Eroticamento, no aspecto mais amplo da palavra, aquele aspecto que vem da busca do prazer e que permite e favorece o gosto de saborear, e daí a possibilidade da sabedoria. É essa a grande ponte que vejo ligando a sexualidade à aprendizagem e, por via desta, à Gestalt-terapia: a erotização da vida. O verdadeiro desejo de aprender é erótico. Sem Eros, a aprendizagem é apenas mecânica, de repetição, sem criatividade e pouco propiciadora de crescimento.

Podemos favorecer o incremento de Eros na aprendizagem através da criação de um espaço onde o jovem possa ser de fato ouvido e visto, um espaço onde ele tenha a confiança de que pode partir em busca de uma postura ética mais justa e mais solidária. Porque quando o jovem percebe que tem um espaço apropriado e continente para que ele possa, com paciência mas não sem ansiedade, identificar-se melhor em seu corpo, vale dizer, em sua morada, ele luta melhor por exercer seus direitos e seus deveres enquanto membro de uma sociedade que precisa ser transformada. Conseguindo uma instalação confortável no próprio corpo, tanto melhor e com maior tranquilidade o jovem poderá se apropriar do conhecimento formal necessário e fazer deste conhecimento o fermento para uma atitude ética e para um crescimento saboroso, lúdico e lúcido em direção a tornar-se

cidadão (e não apenas consumidor) do planeta terra.

Michael Vincent Miller e Isadore Fromm terminam a introdução de “Gestalt-terapia” afirmando que “a Gestalt-terapia, levada a sério, não oferece uma cura para todos os problemas de que os seres humanos são vítimas pelo simples fato de herdar a condição humana. Não oferece nenhuma passagem de volta pelos portões do Éden. Mas, como outrora prometia a psicanálise, pode ajudar-nos a viver melhor num mundo decadente.” (Perls, 1997, p. 29) Eu os complemento com uma frase de Edgar Morin; “a renúncia ao melhor dos mundos não significa a renúncia a um mundo melhor.” (Morin, 2001, p. 15)

EBP/MAR/2002

#### Referências bibliográficas

- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. *parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos : apresentação dos temas transversais*. Brasília : MEC/SEF, 1998. disponível na internet, <http://www.sinepe-sc.org.br/5a8tt.htm>
- BUROW, O. & SCHERPP, K., *Gestalt-pedagogia- um caminho para a escola e a educação*. São Paulo: Summus, 1985
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990
- MARTÍNEZ, Tomás Priego & PASCUAL, Cosme Puerto, *Compreender a Sexualidade – Para uma Orientação Integral*. São Paulo: Paulinas, 1998
- MORIN, Edgar, *As Duas Globalizações*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001
- PERLS, Frederick Salomon, *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997
- PINTO, Ênio Brito, *Orientação Sexual na Escola – a importância da Psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Editora Gente, 1999
- \_\_\_\_\_ *Sexualidade, um bate-papo com o psicólogo*. São Paulo: Paulinas, 2001

TELLEGEN, T. A. *Gestalt e Grupos: Uma Perspectiva Sistêmica*, São Paulo: Summus, 1984